

## CAPÍTULO 10

# O CENTRO DE REFERÊNCIA DE HEMOGLOBINAS

Três meses após de ter me transferido da Unesp de Botucatu para a Unesp de São José do Rio Preto, recebi o telefonema de um médico patologista clínico de Aracaju, o doutor Joaquim Machado<sup>1</sup>, que estava de passagem por São Paulo e gostaria de conhecer o Centro de Referência de Hemoglobinas da Sociedade Brasileira de Hematologia e Hemoterapia (SBHH). Não deu tempo para explicar que as instalações do laboratório ainda eram precárias porque o homem era uma metralhadora falante, e subitamente encerrou a conversa:

– Veja, chegarei amanhã às 14 horas no aeroporto de Rio Preto e vou de taxi até a Unesp para conhecer o Centro de Referência!

Tremi em minhas bases, pois o Centro de Referência de Hemoglobinas da SBHH estava instalado num banheiro da Unesp.

No início da minha jornada profissional na Unesp de Rio Preto perambulei por três ou quatro gabinetes de colegas que me cediam um canto para realizar meus experimentos. Estas cessões de espaços eram pesarosas para mim e para eles, porque todos perdiam sua privacidade. Um dia, ao caminhar pelo corredor do departamento em que trabalhava, notei que havia um banheiro masculino desativado e ao abrir a porta observei que se tratava de um depósito de coisas velhas e quebradas amontoadas no chão, sobre o vaso sanitário, nas duas pias e nos três mictórios. Uma bagunça assustadora. O espaço era pequeno, pois tinha três metros de comprimento por 1,80 metro de largura, ou seja, menos de seis metros quadrados. Rapidamente me convenci de que aquele espaço poderia ser um refúgio temporário para quem vivia de gabinete em gabinete. Naquele mesmo dia, procurei o professor Celso Mourão<sup>2</sup>, que era o chefe do departamento em que eu trabalhava, e fiz-lhe uma proposta para poder ocupar o espaço do banheiro desativado. Disse-lhe, também, que me responsabilizaria pela desocupação e adaptações necessárias, assumindo, inclusive, os custos das mesmas. O chefe do departamento se convenceu de que seria uma oportunidade transitória e concordou que

eu o ocupasse assim que conseguisse um lugar para transferir as caixas e os objetos ali amontoados. Dias depois o banheiro foi desocupado, lavado e encerado, de tal forma que considerei o local como se fosse um paraíso. Montei um balcão feito com madeira medindo 1,5 metro de comprimento e 60 centímetros de largura, e o instalei sobre os três mictórios do banheiro. Este balcão foi destinado a experimentos laboratoriais e como mesa de estudo. As duas pias estavam instaladas em um suporte de mármore branco que tinha medidas idênticas ao balcão de madeira que fiz, de tal maneira que passaram a ser usadas para preparações de amostras de sangue, soluções químicas e descarte de material líquido, além de comportar uma pequena centrífuga e algumas vidrarias básicas: tubos, balão de ensaio, pipetas, etc. O espaço reservado ao vaso sanitário foi usado para o meu uso pessoal, e passei a ser o único docente a ter um gabinete-laboratório com toailete exclusivo. Drogas químicas, livros e outros pequenos equipamentos ficavam acomodados em uma estante acima do balcão de madeira.

O doutor Joaquim, por sua vez, era proprietário de um dos maiores e melhores laboratórios de Aracaju e certamente esperava algo especial que abrigasse um centro de referência nacional.

Às 15h30 do dia agendado, o médico sergipano chegou efusivo e alegre, mas, ao abrir a porta do meu laboratório-toailete, ele ficou atônito por alguns segundos e perguntou com certa incredulidade:

– O que é isto?

– É o meu laboratório! – respondi.

– O quê???? É aqui o seu laboratório???? É aqui que funciona o Centro de Referência de Hemoglobinas da Sociedade Brasileira de Hematologia e Hemoterapia???? – indagou o incrédulo médico.

Inconformado com o que estava vendo, disparou a falar em voz alta que ressoava pelos corredores da faculdade:

– Isto não é possível! Como um profissional que fez cursos no exterior, com nome respeitável na hematologia, está trabalhando dentro de um banheiro?!? Quero conversar imediatamente com seu chefe, com o seu diretor, ou seja lá quem for, pois isto não está certo!

Olhou mais uma vez tudo aquilo, e concluiu:

– Puta merda... e ainda cheira a xixi! Nãooooo!!!! Este pessoal está te

desrespeitando!!!! Vim do Sergipe para conhecer a pessoa que é referência em hemoglobinopatias e a encontro trabalhando dentro de um banheiro??? Não!!! Isto não é justo! Chame o chefe disto daí, quero falar com ele!

O homem estava realmente possesso. Falava alto e gesticulava ao mesmo tempo, sua indignação era tão intensa que passou a chamar a atenção de alunos, funcionários e professores que passavam pelo corredor. O falatório teve tal impacto que não demorou a aparecer o chefe do departamento.

– Boa tarde. Sou o professor Celso, chefe do departamento de Biologia desta faculdade. Posso saber o que está acontecendo aí? – perguntou com certa irritação.

O médico de Aracajú continuava colérico, seu pescoço estava inchado e vermelho e suas veias jugulares, salientes. Quando respondeu à pergunta do chefe do departamento o fez com um tom acima do que até então usava para manifestar a sua revolta, que por sinal já era alto:

– **O que está acontecendo aqui é uma tremenda injustiça. É inaceitável encontrar o doutor Naoum trabalhando num banheiro que fede xixi entre outras coisas. É um desrespeito a um profissional da nossa classe e a um colega de vocês. Isto tem que ser denunciado!!!!**

No final dos anos 70 a palavra “denúncia” tinha amplo espectro de entendimento. Era o auge do regime militar e, dependendo de quem fizesse a denúncia, as consequências poderiam ser imprevisíveis. Neste momento, o chefe do departamento foi hábil e convidou o doutor Joaquim e a mim para acompanhá-lo até sua sala, onde poderíamos conversar. No caminho, pediu à copeira da faculdade para levar três xícaras com café, mas o visitante estava realmente bravo e disse:

– Obrigado. Não quero café! Eu só preciso entender o que está acontecendo aqui!

Era de se esperar que a conversa entre quatro paredes pudesse ter um desfecho ameno, mas isto não aconteceu. O professor Celso deu a justificativa da falta de espaço, mas o médico sergipano não baixou a guarda:

– Falta de espaço??? Este prédio é muito grande<sup>3</sup>! Isto não é justificativa que se dá a quem traz de mão beijada um centro de referência nacional. Quisera eu dar esta oportunidade para a Universidade Federal de Sergipe!

Na sequência, o doutor Joaquim se levantou e determinou:

– Quero falar com o diretor desta faculdade!

Por sorte o diretor estava em São Paulo e, pouco a pouco, o chefe do departamento e eu fomos contornando a situação e até marcamos um jantar naquela noite. Para colocar um fim à justificada irritação do visitante, o professor Celso cedeu sua sala para que eu e o doutor Joaquim pudéssemos conversar a respeito do interesse científico de sua visita. Ao final daquele dia, durante o jantar, o professor Celso comunicou ao médico de Sergipe que iria solicitar ao diretor da faculdade a cessão de um local adequado para a transferência do centro de referência, incluindo gabinete e laboratório. Um mês depois conseguiram destinar-me um espaço que media 2 metros de largura por 6 metros de comprimento, com balcões de alvenaria, capela com exaustor e uma ampla janela. Foi justamente neste local que dei início às minhas principais pesquisas científicas, em parte graças à interferência do doutor Joaquim.

O Centro de Referência de Hemoglobinas foi instituído em maio de 1975 pela Sociedade Brasileira de Hematologia e Hemoterapia (SBHH)<sup>4</sup>, e fui indicado para dirigi-lo por conta da minha experiência em eletroforese e *finger-printing*<sup>(Referência 6 do capítulo 6)</sup> de hemoglobinas. Esta distinção foi determinante no início da minha vida acadêmica, pois no ano seguinte fui convidado para estagiar numa das mais respeitadas universidades do mundo, a Universidade de Cambridge, da Inglaterra, entre 1976 e 1977, com o objetivo de aprender como funcionava um centro de referência de nível internacional.

De 1975 até minha aposentadoria da universidade em 2002, ou seja, por 27 anos seguidos fui diretor do Centro de Referência de Hemoglobinas da SBHH. Durante estes anos promovi 43 cursos de aperfeiçoamentos de diagnósticos laboratoriais de hemoglobinopatias, com participação de cerca de 900 profissionais da saúde provenientes de cidades de quase todos os estados do Brasil, além de outros países como Argentina, Bolívia e Colômbia. Também no Centro de Referência foram efetuadas teses acadêmicas (mestrado e doutorado) de alunos do curso de pós-graduação em Genética da Unesp de Rio Preto, assim como a iniciação científica de muitos estudantes de graduação. Nos anos de atuação do Centro de Referência tive a inestimável colaboração de sete alunos que se tornaram meus colegas de profissão: Claudia Regina Bonini-Domingos<sup>5</sup>, Luiz Carlos de Mattos<sup>6</sup>,

Margarete Tereza Gottardo de Almeida<sup>7</sup>, Elza Maria Castilho<sup>8</sup>, Cleuzenir Toschi Gomes<sup>9</sup>, Filomena Salomão da Silva<sup>10</sup> e José Edgard Ravazzi<sup>11</sup>.

O Centro de Referência de Hemoglobinas realmente funcionou em seu início num pequeno banheiro desativado, conforme o relato acima, passando em seguida a ocupar um espaço maior. Entretanto, em 1984, obtive junto ao diretor da Unesp de Rio Preto a cessão de um terreno no próprio campus universitário para construir – com recursos próprios e ajuda de parentes, amigos e empresários – um laboratório com 100 metros quadrados, onde foi realizada a maioria das pesquisas científicas e dos cursos, simpósios e treinamento de alunos.

Durante as quase três décadas que dirigi o Centro de Referência de Hemoglobinas, destaco quatro pesquisas científicas que tiveram repercussões nacional e internacional:

- 1) Mapeamento das hemoglobinopatias no Brasil.
- 2) Descoberta da causa que induzia a anencefalia em recém-nascidos na cidade de Cubatão (SP) e sua relação com a poluição industrial.
- 3) Programa de prevenção de anemias hereditárias em sangue de 30 mil estudantes do ensino fundamental em São José do Rio Preto – este estudo resultou em um convite para que eu fizesse parte dos pesquisadores da Organização Mundial da Saúde.
- 4) Desenvolvimento de testes específicos para o diagnóstico laboratorial de talassemia alfa, patologia geralmente assintomática que está presente em cerca de 25% das pessoas em todo o mundo.

Em 1988, com a experiência adquirida nas análises de centenas de casos de difíceis resoluções para o diagnóstico de anemias hereditárias, publiquei o meu primeiro livro intitulado “Diagnóstico laboratorial das hemoglobinopatias”. Depois deste, escrevi outros 11 livros científicos que versaram sobre eletroforeses, talassemias, doença falciforme, bioquímica clínica e câncer.

Ao me aposentar da Unesp de Rio Preto em 2002 retornei à responsabilidade do Centro de Referência de Hemoglobinas à Sociedade Brasileira de

Hematologia e Hemoterapia. Foram 27 anos de trabalho permanente!

A responsabilidade do laboratório de hemoglobinas que construí na Unesp foi transferida para a competente colega Claudia Bonini, que continuou e ampliou a difusão científica que havia iniciado.

## *Glossário deste capítulo*

<sup>1</sup> Joaquim Machado: médico patologista clínico, fundador do laboratório LAMAC de Aracaju em 1977. Profissional influente no desenvolvimento da patologia clínica no Nordeste do Brasil.

<sup>2</sup> Celso Abbade Mourão: biólogo, professor titular da Unesp, chefe do departamento de Biologia e vice-diretor da Unesp de São José do Rio Preto.

<sup>3</sup> “Este prédio é muito grande”: o prédio da Unesp de Rio Preto tem perto de 20 mil metros quadrados. Foi construído inicialmente pelo bispado local para abrigar o seminário diocesano. Sua estrutura contém amplos corredores que certamente seriam usados para meditações religiosas, além de salas de aulas, grandes espaços para dormitórios, banheiros etc. Entretanto o bispado entrou em colapso financeiro e o governo do Estado de São Paulo adquiriu o imóvel para instalar o Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Unesp de São José do Rio Preto.

<sup>4</sup> Sociedade Brasileira de Hematologia e Hemoterapia (SBHH): foi fundada em 1950, no Rio de Janeiro, com o objetivo de congregar médicos especialistas em hematologia e hemoterapia. Ao longo dos anos, passou a estabelecer normas técnicas através de manuais científicos que se transformariam anos depois nos protocolos operacionais padrões (POPs). Por meio desses manuais foram editados os principais procedimentos para análises hematológicas, transfusões de sangue e terapias adequadas para o tratamento das principais doenças hematológicas. Em 1975 o seu presidente, doutor Pedro Clóvis Junqueira, com o auxílio dos doutores Jacob Rosenblit, Milton Artur Ruiz e Luiz Gastão Mange Rosenfeld, implementou uma nova ordem nos ajustes de orientações técnicas e terapêuticas com a criação de três centros de referências: hemoglobinopatias, leucemias e linfomas, e coagulopatias. A direção de cada um destes centros foi outorgada a profissionais escolhidos por seus méritos científicos, com prazo de duração mínima de dois anos. É importante destacar que a SBHH abriu a primeira exceção para profissionais não médicos ao indicar-me como diretor do Centro de Referência de Hemoglobina, e fui o único a persistir por 27 anos.

<sup>5</sup> Claudia Regina Bonini Domingos: bióloga, professora doutora em genética, e professora de genética do departamento de biologia do Ibilce. Foi minha assistente científica por quase 20 anos no laboratório de hemoglobinas e no Centro de Referência de Hemoglobinas. Participou das principais pesquisas realizadas no Centro de Referência de Hemoglobinas e atuou em todos os cursos de aperfeiçoamento sobre Diagnósticos das Hemoglobinopatias.

<sup>6</sup> Luiz Carlos de Mattos: biólogo, professor doutor em genética e professor adjunto de imunologia da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. Pós-doutorado em imunologia pela Universidade Auckland, Nova Zelândia. Foi o meu primeiro estagiário em hemoglobinopatias. É professor associado da Academia de Ciência e Tecnologia de São José do Rio Preto. Participou das pesquisas sobre a intoxicação do sangue em Cubatão.

<sup>7</sup> Margarete Tereza Gottardo de Almeida: bióloga, professora doutora em ciências da saúde e

professora adjunta de microbiologia da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. É professora associada da Academia de Ciência e Tecnologia de São José do Rio Preto. Participou das pesquisas sobre a intoxicação do sangue em Cubatão.

<sup>8</sup> Elza Maria Castilho: bióloga, professora doutora em fisiologia e professora adjunta de fisiologia humana da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. Participou de várias pesquisas realizadas no Centro de Referência de Hemoglobinas.

<sup>9</sup> Cleuzenir Toschi Gomes: bióloga, professora de fisiologia humana da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. Participou de várias pesquisas realizadas no Centro de Referência de Hemoglobinas.

<sup>10</sup> Filomena Salomão da Silva: bióloga, especializada em análises clínicas e hematologia. Sócia do CDA Laboratório e monitora de aulas práticas da Academia de Ciência e Tecnologia de São José do Rio Preto. Participou das pesquisas sobre a intoxicação do sangue em Cubatão.

<sup>11</sup> José Edgard Ravazzi: biólogo, especializado em análises clínicas e hematologia. Sócio do CDA Laboratório e monitor de aulas práticas da Academia de Ciência e Tecnologia. Participou das pesquisas sobre a intoxicação do sangue em Cubatão.